

# UMA INTRODUÇÃO À DIVINA LITURGIA DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO



*Pe. Alkiviades Calivas*

## HISTÓRIA E ESBOÇO

### O TERMO «DIVINA LITURGIA»



Divina Liturgia é o rito sagrado pelo qual a Igreja Ortodoxa celebra o mistério da Eucaristia. Este título para a Eucaristia é derivado de duas palavras gregas: *theia* e *leitourgia*. A palavra *theia* significa *que pertence a Deus*, portanto, divino. A palavra *leitourgia* vem de duas palavras: *leitos*, que significa povo, e *ergon*, que significa trabalho; portanto, o *trabalho do povo* ou um *serviço público*, ato ou função. A palavra *leitourgia* era usada na antiguidade grega para descrever os serviços e atos realizados para benefício e interesse comum, incluindo atos de adoração ou culto. Foi neste último sentido religioso que a palavra encontrou seu caminho no vocabulário das Escrituras e da Igreja. Na *Septuaginta* (tradução grega do Antigo Testamento) a palavra foi aplicada aos serviços do Templo e às funções dos Sacerdotes. No Novo Testamento, onde a palavra aparece com pouca frequência, descreve a obra salvífica de Cristo (Hb 8:6) e a adoração cristã (At 13:21). Nos Padres Apostólicos e na tradição posterior, a palavra foi aplicada ao culto. Por volta do século IV, a palavra *leitourgia*, junto com o adjetivo *theia* (isto é, Divina Liturgia), tornou-se o termo técnico para o Mistério da Eucaristia. A palavra Eucaristia, por sua vez, significa ação de graças. Leva o nome da grande oração de consagração (Anáfora) recitada pelo celebrante da Divina Liturgia.

### AS ORIGENS DA DIVINA LITURGIA

A Divina Liturgia é composta de duas partes. A primeira é a Liturgia da Palavra, também chamada de *Sinaxis* ou *Proanáfora*. Às vezes, essa parte tem sido chamada de *Liturgia dos Catecúmenos*. A segunda parte é a Eucaristia, que também se chama *Liturgia dos Fiéis*. A *Liturgia da Palavra* em sua forma clássica básica é uma versão cristianizada do serviço da Sinagoga com foco na leitura de uma passagem bíblica e na homília. A Eucaristia, por outro lado, é derivada das palavras e ações do Senhor na Última (Mística) Ceia.

A conexão da Divina Liturgia com o serviço de oração da Sinagoga e com uma casa judaica ou refeição ritual fraterna deve ser entendida no contexto da nascente comunidade cristã. O Senhor, seus apóstolos e os primeiros cristãos eram judeus. É claro que a Igreja é caracterizada para sempre por suas origens semíticas. É igualmente claro

que a Igreja tem estreitas conexões com o helenismo. A Igreja nasceu em Jerusalém, mas cresceu dentro da civilização helenística. Sua liturgia, arte e teologia resplandecem os traços imperecíveis dessa dupla experiência. Louis Bouyer observa: «É verdade que a liturgia cristã, e especialmente a Eucaristia, é uma das criações mais originais do Cristianismo. Mas, por mais original que seja, não é uma espécie de criação *ex nihilo*. Pensar assim é nos condenarmos a uma compreensão mínima dela».

A própria Eucaristia foi instituída por Cristo, na Ceia celebrada na Quinta-feira Santa, para perpetuar a lembrança (*anamnese*) de sua obra redentora e para estabelecer uma comunhão íntima e contínua (*koinonia*) entre Ele e aqueles que nele creem. As ações e palavras do Senhor a respeito do pão e do vinho formaram a base para a Eucaristia, o principal rito litúrgico recorrente da Igreja. O núcleo de todo rito eucarístico consiste em quatro ações: O Ofertório e a disposição do pão e do vinho sobre o altar; a Anáfora ou Grande Oração Eucarística, que inclui as palavras de instituição e a invocação do Espírito Santo (*Epiclesis*) para a consagração dos dons; o partir do Pão consagrado (ato denominado *fração*); e a comunhão dos dons consagrados pelo povo de Deus.

No início, a Eucaristia era celebrada no contexto de uma refeição comunitária noturna, conhecida como *ágape* ou festa do amor. No final do primeiro ou início do segundo século, a celebração da Eucaristia foi separada da refeição comunitária e transposta para as primeiras horas da manhã.

## O DESENVOLVIMENTO DA DIVINA LITURGIA

A Divina Liturgia é um ato complexo que inclui movimento, imagem e som, caracterizado por um profundo senso de harmonia, beleza, dignidade e mistério. É estruturado em torno de duas entradas solenes, que hoje são formas abreviadas de cerimônias anteriores mais elaboradas, a leitura e a exposição da Sagrada Escritura, a grande Oração Eucarística (a Anáfora) e a distribuição da Sagrada Comunhão. Elaborados ritos de abertura (*enarxis*) e uma série de ritos de despedida (*apólisis*) completam a ação.

A primeira ou *Pequena Entrada*, a entrada do clero e do povo na Igreja, marcou uma vez o início da Liturgia da Palavra. Trata-se de uma procissão solene com o Evangelho acompanhado de hinos de entrada.

A segunda, ou *Grande Entrada*, marcou uma vez o início da Eucaristia. É uma procissão solene com as dádivas do pão e do vinho que serão apresentados e consagrados. Esses dons são trazidos à Igreja pelas pessoas. Os elementos usados para o ofertório são preparados pelo clero. No curso do século VIII, este rito de preparação foi transferido de antes da *Grande Entrada* para um tempo antes do *Enarxis* da Divina Liturgia. Este serviço é denominado *Proskomidia*, e é realizado no Altar de Preparação (Proposição) denominada *Prótese*. É aqui, depois da preparação do pão e do vinho e da comemoração dos santos, que o celebrante faz também memória dos fiéis, vivos e falecidos, pelos respectivos nomes.

Os elementos verbais e não verbais da Divina Liturgia se encaixam harmoniosamente, de modo a tecer um modelo de oração que se dirige e inspira a pessoa inteira, corpo e alma. O princípio, por trás do desenvolvimento de seu esplendor cerimonial, repousa sobre a noção de que nossa adoração terrena reflete a alegria e majestade da adoração celestial.

No lado verbal da Liturgia, ouvimos: eloquentes orações de louvor, de ação de graças, de intercessão e confissão; litanias, petições, aclamações, saudações e convites; hinos, cânticos, salmodia e expressões de fé; leituras bíblicas cantadas e uma homilia. Do lado não verbal, estamos envolvidos com procissões solenes e uma variedade de gestos litúrgicos. Os olhos são preenchidos com as ações dos que a servem, bem como, com a visão do Senhor e seus santos que nos olham a partir dos ícones. As narinas se enchem da fragrância do incenso e o coração é tomado pelo silêncio profundo da presença divina. As pessoas tocam suavemente as mãos, dizendo: «Cristo está entre nós», quando chamadas a se amarem antes de oferecer os dons em sinal de perdão e amor mútuos. Com uma só voz e num só coração, eles recitam o Credo e se comprometem novamente com a plenitude da verdade da fé Ortodoxa. Participando da sagrada Comunhão, o fiel *«prova e vê como o Senhor é bom»* (Salmo 33:8).

O esboço básico da Divina Liturgia remonta ao Novo Testamento. O ritual e o texto evoluíram gradualmente; os vários elementos da Liturgia desenvolveram-se de forma desigual e em diferentes estágios. Suas estruturas foram expandidas, aumentadas e adornadas com hinos, orações e vários cerimoniais. Por volta do século X, os ritos eucarísticos de Constantinopla, a principal sede do Oriente Ortodoxo, haviam se tornado mais ou menos cristalizados. O processo de crescimento, modificação e adaptação tem sido relativamente lento desde então. Em virtude de seu prestígio, os ritos de Constantinopla primeiro influenciaram e finalmente substituíram todos os outros ritos no Oriente Ortodoxo. Desde o final do século XII, com pequenas variações que refletem os costumes locais, a Liturgia de Constantinopla se tornou o rito comum de todas as Igrejas Ortodoxas.

## AS TRÊS LITURGIAS

Constantinopla foi o magnífico receptáculo ao que convergiram várias tradições litúrgicas. Dessa síntese surgiram três liturgias, que eram distintamente constantinopolitanas. Firmemente enraizadas na palavra escrita de Deus e fortemente influenciadas pela experiência patrística, essas liturgias nos levam ao coração da glória e filantropia de Deus.

A Liturgia de São Basílio foi, até o século XII, a principal liturgia de Constantinopla. Sua anáfora é provavelmente a mais eloquente de todas as liturgias, no Oriente como no Ocidente. Poderoso em sua unidade de pensamento, profundidade teológica e rico imaginário bíblico, este rito era celebrado aos domingos e dias de grandes festas. Atualmente é usado apenas dez vezes durante o ano: nos cinco domingos da Grande Quaresma; nas vigílias da Páscoa, Natal e Epifania; na Quinta-feira Santa e na Festa de São Basílio, em 1º de janeiro.

A Liturgia de São João Crisóstomo é mais curta e menos retórica do que a de São Basílio. Distingue-se pela sua simplicidade e clareza. No início foi provavelmente a liturgia de Constantinopla celebrada nos dias da semana. Gradualmente, porém, ela foi sucedendo e substituindo a Liturgia de São Basílio. A Liturgia de São João Crisóstomo é agora celebrada em todas as Assembleias Eucarísticas, a menos que a Liturgia de São Basílio ou a Liturgia dos Dons Pré-Santificados seja prescrita.

A Liturgia dos Dons Pré-Santificados não é uma Divina Liturgia completa porque não contém a Anáfora. Esta liturgia é atualmente usada nas quartas e sextas-feiras da Grande Quaresma e nos primeiros três dias da Semana Santa. É composta pelo ofício de Vésperas, a Procissão solene para o altar dos elementos da Sagrada Comunhão consagrados na Divina Liturgia no domingo ou sábado anterior, e a ordem da distribuição da Sagrada Comunhão como nas outras liturgias.

De acordo com o costume local, três outras liturgias antigas também são usadas pelas Igrejas Ortodoxas por ocasião da festa dos santos aos quais é tradicionalmente atribuída sua autoria. Estas são as liturgias de São Tiago (Iakovos), a antiga liturgia de Jerusalém; São Marcos, a antiga liturgia de Alexandria; e São Gregório, o Teólogo, uma antiga liturgia da Capadócia e de Alexandria.

## **OS MINISTROS DA DIVINA LITURGIA**

A Divina Liturgia é uma ação corporativa de todo o povo de Deus. Juntos, o clero e os leigos constituem o organismo único, vivo, Divino-humano (teantrópico), o Corpo de Cristo, a Igreja. A assembleia eucarística pressupõe a presença e a participação ativa do clero e dos leigos, cada um com seu ministério, papel e função essenciais e distintos. Juntos, eles entram nas profundezas da luz Divina, segundo a medida da fé que Deus lhes dá e a pureza do seu coração.

O celebrante principal da Eucaristia é o bispo ou, na sua ausência, o presbítero, sem o qual não pode haver Eucaristia. O bispo, ou Sacerdote, atua no lugar de Cristo, verdadeiro Sacerdote e celebrante do mistério eucarístico. O próprio Cristo é Aquele que oferece e é oferecido, Aquele que recebe e distribui. Por meio de sua perfeita auto-oblação, como o único Sumo Sacerdote e mediador da Nova Aliança, Cristo continua a unir em Si a humanidade a Deus (Hb 9:11-15; 10:10).

## **RECEPÇÃO DA SANTA COMUNHÃO**

A Eucaristia pertence e é compartilhada por aqueles que foram batizados na Igreja e que têm uma fé comum, no vínculo do amor. Assim, apenas aqueles cristãos ortodoxos em plena comunhão com a Igreja podem participar dos santos dons. Para os ortodoxos, a Eucaristia não é um instrumento para alcançar a unidade cristã, mas o próprio sinal e coroação dessa união baseada nas verdades doutrinárias e na harmonia canônica já tidas e possuídas em comum. A Eucaristia é uma celebração e uma confissão da fé da Igreja. Portanto, não é possível aproximar-se da Sagrada Comunhão por meio da hospitalidade.

Espera-se que todo o cristão ortodoxo - adulto, jovem ou criança - que recebeu o sacramento do Batismo (Batismo-Crisma-Eucaristia) participem com regularidade e frequência dos Mistérios Divinos. É pressuposto que os adultos e as crianças jejuaram desde a refeição da noite anterior à recepção da Sagrada Comunhão na Eucaristia matinal.

Recomenda-se especial cuidado para que se chegue à Sagrada Comunhão com discernimento espiritual. São Nicolau Kabasilas ensina: «Não venham todos, mas apenas aqueles que são dignos, 'pois os sagrados dons são para o povo santo de Deus'. Aqueles que o Sacerdote chama de santos não são apenas os que alcançaram a perfeição, mas também aqueles que lutam por ela sem ainda a tê-la alcançado... É por isso que os cristãos, se não cometeram tais pecados (pecados mortais) que os afastariam para longe de Cristo e atrairiam a morte, não estão de

*forma alguma impedidos, ao participar dos santos mistérios, de receber a santificação... Pois ninguém tem santidade em si mesmo; não é consequência da virtude humana, mas a todos vem dele e por meio dele».*

Para os fiéis, a Divina Liturgia é experienciada ao mesmo tempo como julgamento, perdão e verdadeira vida. Em cada liturgia, as pessoas ouvem as boas novas de Cristo e entram em um processo de conversão (metanoia). A conversão é oferecida como um modo de vida, uma jornada contínua em direção a Deus-Pai. Aprendemos a viver em comunhão com Cristo não só nos momentos da Liturgia, mas também nos exercícios da vida cotidiana. O arrependimento torna-se então um estilo de vida, uma jornada contínua em direção a Deus-Pai.

Na Divina Liturgia compartilhamos a força da ressurreição, a única que liberta e transfigura toda a vida e torna possível a reconstrução de toda a ordem pessoal e social.

Cada liturgia é uma oportunidade para um novo encontro dinâmico com a Santíssima Trindade para a renovação e santificação da pessoa humana e da criação.

## **O SENTIDO TEOLÓGICO**

A Eucaristia, ou Divina Liturgia, é o mistério central da Igreja. É, ao mesmo tempo, a fonte e o ápice de sua vida. Nela, a Igreja é continuamente transformada de uma comunidade humana no Corpo de Cristo, o templo do Espírito Santo e povo santo de Deus. A Eucaristia, segundo, São Nicolau Kabasilas, é o último e maior dos mistérios: *«uma vez que não se pode ir além ou acrescentar nada a ele. Depois da Eucaristia, não há mais para onde ir. Todos devem permanecer ali e tentar examinar os meios pelos quais podemos preservar o tesouro até o fim. Pois nela obtemos que o próprio Deus esteja unido a nós, e na mais perfeita união/comunhão».*

Cada sagrado mistério torna os seus participantes membros de Cristo. Mas a Eucaristia é o único que realiza isso de modo perfeito. Para citar novamente São Nicolau Kabasilas: *«Pela dispensação de sua graça, Ele (Cristo) se dissemina em cada crente por meio daquela carne cuja substância vem do pão e do vinho, mesclando-se com os corpos dos crentes, garantindo, por esta união com o Imortal, que o homem também seja participante da incorrupção. Ele concede esses dons em virtude da bênção por meio da qual transmite a qualidade natural dessas coisas visíveis àquelas coisas imortais».*

Por meio da Eucaristia, a vida divina flui para nosso interior, penetrando o tecido de nossa humanidade. A vida futura é infundida na vida presente e combinada com ela, de modo que nossa humanidade caída possa ser transformada na humanidade glorificada do novo Adão: Cristo. A Eucaristia é o nosso *«remédio de imortalidade e o antídoto contra a morte, permitindo-nos viver para sempre em Jesus Cristo»*, segundo Santo Inácio.

## **O BANQUETE MESSIÂNICO**

No tempo presente, entre as duas vindas de nosso Senhor Jesus Cristo, a Divina Liturgia é sempre banquete messiânico, refeição do reino, o tempo e o lugar em que o celestial se une e se mistura com o terreno. A Eucaristia inicia a humanidade, a natureza e o tempo no mistério da Trindade incriada. A Divina Liturgia não é simplesmente um drama sagrado ou uma mera representação de eventos passados. Constitui a própria

presença do amor abrangente de Deus, que purifica, ilumina, aperfeiçoa e deifica (2Pd 1:4) todos aqueles que são convidados para a ceia das bodas do Cordeiro (Ap 19:9), todos aqueles que através do batismo e da crisma foram incorporados à Igreja e se tornaram portadores de Cristo e portadores do Espírito.

Na Divina Liturgia não comemoramos um ou outro acontecimento isolado da história sagrada. Celebramos, com alegria e ação de graças, todo o mistério da economia divina, desde a criação até a encarnação, especialmente, nas palavras da Liturgia, *«a cruz, o sepulcro, a ressurreição ao terceiro dia, a ascensão ao céu, a entronização à direita do Pai, e a segunda e gloriosa vinda»*. Assim, ao experimentar o Cristo ressuscitado e reinante na Divina Liturgia, o passado, o presente e o futuro da história da salvação são vividos como uma só realidade.

## **UM PENTECOSTES CONTÍNUO**

Cada Divina Liturgia é uma continuação do mistério do Pentecostes. É a renovação e a confirmação da vinda do Espírito Santo que está sempre presente na Igreja. Na Divina Liturgia de São João Crisóstomo rezamos: *«Faze-nos dignos de encontrar a graça na tua presença, para que o nosso sacrifício seja agradável a ti e para que o teu bom e gracioso Espírito habite conosco e com os dons aqui apresentados e com todo o teu povo»*. A comunidade de adoração ora fervorosamente para que possa continuar a ser portadora do Espírito e para que os dons ofertados possam se tornar «comunhão do Espírito Santo». Os fiéis recebem a Sagrada Comunhão para o perdão dos pecados e a vida eterna, os dons do amor divino para que encontrem misericórdia e graça com todos os santos, que ao longo dos tempos têm agradado a Deus. Por meio da celebração da Divina Liturgia, o pecado, a corrupção e a morte, os poderes desagregadores e destrutivos de Satanás, são abolidos. Na Eucaristia todas as coisas estão unidas a Deus. Nos elementos modificados do pão e do vinho, a criação, libertada da escravidão da corrupção, torna-se portadora do Espírito.

## **PARTICIPANTES DA NATUREZA DIVINA**

Pelo poder de Deus, os dons – o pão e o vinho - da Liturgia são transformados no próprio Corpo e Sangue de Cristo. Essa mudança não é física, mas mística e sacramental. Enquanto as qualidades do pão e do vinho permanecem, participamos do verdadeiro Corpo e Sangue de Cristo.

A Eucaristia, assim escreve Santo Inácio, *«é a carne de nosso Salvador Jesus Cristo, a carne que sofreu por nossos pecados e que o Pai, em sua graça, ressuscitou dos mortos»*. Na Eucaristia, somos oferecidos à carne deificada de Cristo, à qual estamos unidos, sem confusão ou divisão, a fim de participar da vida divina. Na Eucaristia, Cristo age para fazer de nós o seu próprio corpo. Segundo São Nicolau Kabasilas: *«O próprio Pão da Vida transforma aquele que dele se alimenta e o transforma e assimila a si mesmo»*. Assim, a eternidade penetra em nossa finitude. Nas palavras de São Gregório Palamàs: *«Por esta carne (de Cristo na Eucaristia) a nossa comunidade é elevada ao céu; é aí que este Pão verdadeiramente habita; e entramos no Santo dos Santos pela pura oferta do Corpo dos Cristo»*. Homens, mulheres e crianças são convidados a participar da vida trinitária de Deus. A vida da Trindade flui e habita em nós pela «graça de nosso Senhor Jesus Cristo, pelo amor de Deus Pai e pela

comunhão do Espírito Santo» (2Cor 13-14). Tornamo-nos, assim, Teóforos, portadores de Deus.

## A IGREJA LOCAL

O mistério da Igreja como Corpo de Cristo realiza-se plenamente na Divina Liturgia, pois a Eucaristia é Cristo crucificado e ressuscitado, na sua presença pessoal. Cada Igreja local, vivendo plenamente a vida sacramental, segundo John Meyendorff, é o *«milagre da nova vida em Cristo vivida em comunidade e construída sobre e ao redor da Mesa do Senhor. Sempre e onde quer que a Divina Liturgia seja celebrada, no contexto da unidade doutrinal e das normas canônicas, a Igreja local possui a marca da verdadeira Igreja de Deus: unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade. Essas marcas não podem pertencer a nenhum agrupamento humano; são os sinais escatológicos dados a uma comunidade através do Espírito de Deus»*.

## UMA VISÃO DA VERDADEIRA VIDA E DA NOVA HUMANIDADE

A Eucaristia é uma rede de relações, uma comunidade. Ela une os membros da Igreja a Cristo, e uns aos outros. *«Porque nós, que somos muitos, somos um só pão, somos um só corpo, porque todos participamos de um só pão»* (1Cor 10:17). Participando da vida de Cristo e energizada pelos dons do Espírito Santo, a Igreja torna-se uma epifania do amor divino. São João Damasceno escreve: *«Se a união é verdadeira com Cristo e uns com os outros, certamente também estamos unidos voluntariamente com todos aqueles que participam conosco»*. A Eucaristia se torna a visão e a imagem da verdadeira vida humana como Deus a criou e pretendeu que ela se tornasse. Por meio da Eucaristia, os poderes destrutivos de Satanás estão sendo continuamente derrotados e a vida de amor altruísta está sendo revelada, aprendida. Segundo Vladimir Lossky, a Divina Liturgia torna manifesta a verdadeira dimensão da vida cristã como *«o caminho que conduz desde a multiplicidade da corrupção, dos indivíduos que dividem a humanidade, até à unidade da única e pura natureza em que se revela uma nova multiplicidade: a de pessoas unidas a Deus no Espírito Santo»*.

Na e através da Divina Liturgia, todos são iniciados nas profundezas da vida corporativa da Igreja como comunhão com Deus. Aqui temos um vislumbre da Igreja como imagem da Santíssima Trindade. Para citar Lossky novamente, há *«uma única natureza humana na hipóstase de Cristo, muitas hipóstases humanas na graça do Espírito Santo»*. A assembleia eucarística se torna a imagem da nova humanidade reunida em torno do Senhor ressuscitado, fortalecida, nutrida e aperfeiçoada por seu amor e misericórdia.

A assembleia eucarística, em seu caráter comunitário e eclesial, é a comunidade escatológica de Deus, uma comunidade que vive o novo *éon* em Cristo, e testemunha a presença do reino de Deus na história. Nas palavras de Ioannis Zizioulas: *«Na Divina Liturgia subsistimos de uma maneira diferente da biológica, como membros de um corpo que transcende toda exclusividade de tipo biológico ou social. Em tal identidade eclesial, parecemos existir, não como aquilo que somos, mas como aquilo em que nos tornaremos; não como resultado de uma evolução da raça humana, seja biológica ou histórica, mas como resultado da vitória de Cristo»*.

